

O PROBLEMA ECONÔMICO

Vossa ciência econômica acredita justificar-se, como se partisse de um princípio de justiça original, afirmando, com sua *premissa hedonista*, a presença de um tipo abstrato de *homo economicus*, como que se pudesse isolar, na realidade, um aspecto, como se cada fenômeno não estivesse vinculado a todos os fenômenos, na lei universal. Vossas ciências sociais baseiam-se facilmente em qualquer mentira piedosa. Mas disse a verdade: disse que quase sempre o homem é realmente — não como hipótese econômica — um *perfeito hedonista*; no campo dos negócios, limita-se a aplicar sua natureza egoísta; que o *do ut des* não é um equilíbrio de direitos, mas um medir as forças para estrangular-se mutuamente; declarai a impotência da maioria para compreender uma aproximação, ainda que mínima, do amor evangélico; disse que o homem é uma fera envernizada de civilização e então tereis as bases reais do fenômeno econômico. Reconheci: a ciência que o estuda é a codificação do egoísmo, isto é, do instinto mais desagregador do complexo social.

A premissa hedonista é princípio *anticolaboracionista* por excelência; é um princípio de dissolução, que o edifício econômico carrega consigo, como insanável vício de origem, reaparecendo sempre nos momentos de crise. Egoísmo de capital, egoísmo de trabalho, egoísmo de produtor, egoísmo de consumidor; egoísmo individual, de classe, de nação (sistema protecionista); coalizão de egoísmos, organização de egoísmos, sempre egoísmo! As mercadorias, a riqueza, o trabalho precipitam-se, atraídos (no regime livre cambista) ou subjugados por essa grande força, mesmo que seja ilógica e contraste com as supremas exigências das ascensões humanas. No entanto, esta é a meta inderrogável, ética elevada, à qual *todas* as funções sociais têm de subordinar-se para o objetivo único da evolução. Ao contrário, egoísmo é luta, atrito, dispersão, germe de destruição. É o ponto fraco do mecanismo, um fardo enorme que tem de ser arrastado, e o torna imperfeito, ameaça-lhe a jornada, qual cego que avança entre choques e reações. Para quantas dores haveria fácil remédio se cada um amasse o próprio semelhante como a si mesmo!

Se o fenômeno econômico é a expressão da lei do menor esforço, assume sempre a forma de coação. O equilíbrio entre oferta e procura é resultante de uma luta, o oferecimento de uma mercadoria é apenas a exigência de um preço; tudo se move pela própria necessidade, **não pela consciência das necessidades recíprocas**; um sistema carregado de atritos, um equilíbrio forçado entre forças antagônicas, tensas para eliminar-se, sobrecarrega-se pelo peso do próprio egoísmo. Não era possível deixar de chocar-se, mesmo neste campo, numa manifestação da lei universal, e não encontrar equilíbrios. Mas, diante do princípio *do ut des*, da procura e da oferta, o egoísmo caminha triunfante, seguindo a lei do menor esforço, para equilíbrios móveis, porém matematicamente exatos, que podeis calcular, porém que conservam sempre a marca da premissa original: o egoísmo demolidor. O instinto hedonista, em sua inconsciência de todos os outros valores sociais, caminha calcando todos eles, contanto que se realize a si mesmo. Força primitiva, brutal que, se em vosso nível é impulso de criação, também constitui princípio de destruição, pelo qual sofreis infinitas crises e reveses.

Mas a evolução, fenômeno universal, tinha que funcionar também neste campo, com a gradual eliminação do princípio hedonista, por cerceamento, por limitações e elevações progressivas, até saber compreender os interesses de ordem geral no próprio âmbito. Encontramos por toda parte o mesmo processo ascensional, pelo qual a força tende à justiça, o egoísmo ao altruísmo, a guerra à paz, o mal ao bem. Na evolução, não se pode isolar um campo do outro. Todos os fenômenos sociais, porém, devem ser concebidos e fundidos numa ética superior. O conceito hedonista, posto como base das ciências econômicas, é filho do agnosticismo de outros tempos, já agora superados. Se, num primeiro momento, o perfeito equilíbrio da balança — *do ut des* — é o máximo de justiça que a psicologia das permutas pode conter, nos momentos superiores o progresso impõe a introdução do fator moral no fenômeno econômico em proporção cada vez mais ampla.

Como na evolução do egoísmo, o próprio cálculo utilitário vos levará a isso, pois nele se exprime a lei do menor esforço. Sendo a luta cheia de atritos, que implicam enorme dispersão de energia, é vantagem suprimi-los.

Em vosso atual mundo, raramente a riqueza segue a estrada do bem; não é meio para conquistas mais altas, mas fim para gozos que premiam as aptidões mais rapaces e antissociais. Atenção, porém, porque essa psicologia é supremamente demolidora, mesmo no campo do utilitarismo individual (inconsciência coletiva), o oposto do colaboracionismo (consciência coletiva). Quando um fenômeno nasce envenenado por impulsos negativos,¹ estes, indestrutíveis como todas as forças, acompanham e corroem-no até sua destruição; quando uma ação está infeccionada no momento decisivo do nascimento pelo germe da desonestidade, ele se arrastará corroído por dentro, como um enfermo, até que a desagregação interna o resolva com a morte. Eis porque o vosso mundo econômico está cheio de crises inevitáveis, sem remédio, e porque elas surgem sobre esses equilíbrios instáveis e fictícios. A solução não se encontra na criação de um rebanho de irresponsáveis, de mendigos, sustentados pelo Estado, mas na criação de uma sociedade de responsáveis, que saiba manejar conscientemente a grande força econômica. Não pressuponho uma mutilação, mas um aumento de consciência, de poder, de liberdade, de confiança, de responsabilidade. O homem não deve anular-se, mas manejar as forças da vida para aprender; deve correr livremente o risco de errar para que, ao sofrer as consequências, emende-se; deve bater a cabeça para aprender a não batê-la mais. A força de crises, de derrocadas, de desastres financeiros, aprenderá que o negócio mais estável, mais sábio, mais lucrativo é a honestidade;² que a posição mais utilitária é a que leva em conta o interesse de **todos**, a que se funde e não se isola no organismo coletivo econômico. Estas são as leis da vida e não constituem utopias.

Na direção desta renovação, o órgão máximo só pode ser a consciência coletiva: o Estado. O fenômeno econômico compete à autoridade central do Estado, como personificação integral da ética humana, das inoculações cada vez mais enérgicas de fator moral, constrições e correções que purificam a atividade econômica e a riqueza, e as canalizam para objetivos mais elevados. Compete ao Estado intervir e corrigir, introduzindo um mínimo ético cada vez mais alto, no fenômeno econômico, dirigindo de dentro e de fora, o árduo equilíbrio das permutas para um regime de colaboração, que não é apenas compensação, mas compressão de egoísmos; não apenas coordenação, porém fusão num organismo econômico universal. Uma ciência econômica diferente da atual, que suporta a Lei [o próprio Deus!], mas consciente dela, **não deve surgir de bases hedonistas, mas colaboracionistas**, porque numa sociedade mais adiantada, pois a fase ética e utilitária é **cooperação**; esta é a revolução econômica fundamental, que, neste campo, exprime vossa atual maturação biológica. Infelizmente, os sistemas que hodiernamente dominam no mundo levam a uma seleção às avessas, a do mais astuto e desonesto, enquanto o honesto é eliminado. A sociedade não exalta o homem que dá, porque este fica pobre, mas o homem que apanha e acumula, porque este fica rico. No entanto, o primeiro dá aos outros o que é seu, o segundo tira dos outros para si. Este só poderá justificar-se realizando sua função de conservar e fecundar a riqueza com seu trabalho.

Em vosso mundo, os melhores estão escondidos, porque são sensíveis, modestos, endereçados a outras metas; não têm as qualidades agressivas que condicionam o êxito.³ Ao

¹ Como o dinheiro ganho com a jogatina, o tráfico de drogas, a prostituição, a exploração da vida marinha (viram o último tsunami?), animal e tantas outras coisas. "Ah, mas conheço muita gente que está nesse meio há muito tempo e sempre se deu bem..." É? E depois da "morte"? Você tem **certeza** do que os aguarda? O nada? É mesmo?... Por falar em dinheiro maldito, quem se lembra daquele traficante colombiano riquíssimo, radicado no Brasil e depois preso, cujos bens confiscados foram vendidos à população? Lembram-se das hienas e dos abutres? Você compraria uma cueca impregnada de vibrações de porra mefistofélica? Um Rolex batizado pelo Capeta? Você venderia a alma ao Diabo? Não? Então por que compra do Diabo? Quantos não morrem por aí consumidos pelas drogas... "Você nasceu para brilhar", sopra a Sereia... Cruz credo!...

² O leitor deve levar em conta que o texto é de um livro traduzido do italiano. O autor espiritual usa o termo "honestidade" num sentido amplo, de atitude moral e ética elevada, espiritual, altruísta. Existem muitos negócios honestos, mas quantos são imorais, escravizadores, exploradores da dor, da condição humanas, e quantos têm fins prioritariamente humanitários? Quantos são feitos mais com o fim de beneficiar a coletividade, as massas, do que somente a uns poucos? Pois qual é o sentido da vida? O de acumular e concentrar riquezas indefinidamente ou de tornar o homem cada vez mais feliz e saudável, em todos os sentidos? Segundo consta, mais de noventa por cento de todas as riquezas da Terra estão nas mãos de uma parcela ínfima da população do globo...

³ Jesus Cristo aqui, o autor deste livro, foi muito caridoso, como se vê... "Escondidos e modestos, endereçados a outras metas", sim, mas não é apenas isso, o que talvez imagine o leitor incapaz de entender em profundidade. O fato é que, muitos destes, quando não têm plena consciência

contrário, os ambiciosos e ávidos sabem pisotear tudo sem escrúpulos para consegui-lo. O que brilha em vosso mundo raramente coincide com os valores intrínsecos; o triunfo econômico muito rápido só pode significar ausência de honestidade. Ainda vos moveis no nível da **força econômica** (princípio hedonista) e não ainda no da **justiça econômica** (colaboracionismo). Qualquer crise no regime hedonista tem de descer até o fundo; só pode parar por saturação, só pode reerguer-se por uma reação natural do próprio fenômeno, depois de haver sido esgotado o impulso, pois não possui as capacidades compensativas do regime colaboracionista.

Em vosso mundo, não há proporção entre **trabalho e lucro**; o furto é autorizado na especulação; parasitismos são inevitáveis como consequência direta da premissa hedonista.⁴ O princípio do **do ut des** gera luta para tirar o máximo e dar o mínimo. Isto não apenas é o precedente da luta, mas implica toda a psicologia do furto, macula todo o mundo econômico, fazendo nele brilhar o egoísmo, em lugar da justiça. Se o ponto de partida é a motivação hedonista, a vontade estará toda voltada para a exclusiva vantagem individual, à qual só se renuncia quando constrangido pela vontade alheia, que está voltada para outra vantagem individual. **Vossa oferta é apenas um pedido de dinheiro, oculto totalmente pela mentira; não visa ao interesse do consumidor, mas ao egoísmo do produtor. Por isso, vosso edifício econômico é torturado e desgastado por esse constante atrito de exploração, que arrasa segurança e confiança, que são as bases desse edifício.**⁵ Por isso, o mundo econômico não é um organismo de justiça, mas um campo de competições sem piedade.

Não existe proporção entre **valor e preço**. Este, o mais das vezes, não corresponde ao custo da produção, mas à maior ou menor capacidade que apresenta de suportar o peso da exploração. Verdade, porém, que o poder esfaimado da procura gera imediatamente a superprodução e equilibra-se com a oferta, mas esse equilíbrio espontâneo é com frequência ultrapassado pelo desequilíbrio originário do egoísmo, sempre voltado para reassumir a vantagem logo que possa. Além disso, não há quem não veja que o aumento de preço, pelo simples fato de que a procura é intensa e a oferta escassa, esteja distante da justiça, especialmente quando o consumidor se acha em condição de necessidade e a penúria seja causada pela açambarcação.

Os bens na Terra não buscam o caminho da necessidade: a riqueza é atraída pela riqueza e foge da pobreza. Em vez de constituir ajuda, é frequentemente um mal na vida social. A psicologia hedonista carrega o dinheiro para onde não serve, afasta-o de onde poderia aliviar uma dor, proteger uma vida.⁶ Todos fogem do fraco e do vencido; logo que se manifesta

disto, agem por intuição, ou instinto, como se “soubessem” que isto ou aquilo não é bom, que é ilusão perniciosa, ou ainda, graças ao mérito que possuem pelo bem que praticaram ou pelas escolhas que fizeram em outras vidas, são mantidos, por seus mentores espirituais, longe dos caminhos e do clima mefítico e feiteiro do “sucesso” segundo os padrões da Terra. Por êxito neste mundo, pois, o autor espiritual fala com base nos valores cultivados pela maior parte da humanidade atual, que é muito atrasada ainda do ponto de vista moral. Ora, quem almeja tornar-se “célebre” precisa fazer o quê, mesmo sem ter “talento”, sem ter nada para oferecer de **realmente bom** ao mundo em troca da gorjeta da celebridade, de uma vida de luxo e conforto? Bajular? Iludir? Vender-se? Corromper-se? Prostituir-se? “Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestes [no sangue do Cordeiro] para que tenham direito à arvore da vida.” Apocalipse 22:14 - “Ouvi outra voz do céu dizer: Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos sete pecados e para que não incorras nas suas pragas.” Apocalipse 18:4 - “Assim diz o Senhor, o teu Redentor, o Santo do Brasil: Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te ensina o que é útil e te guia pelo caminho em que deves andar.” Isaías 48:17. “E as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz; mas de modo algum seguirão o estranho; antes, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.” João cap. X. Vê? Endereçados a outras metas, conscientemente ou não... Estes não nasceram para brilhar...

4 É o caso, por exemplo, entre muitos, do hambúrguer de carne, de peru, que não é cem por cento hambúrguer (e sim talvez uma mistura de farinha de trigo, soja etc. – ainda bem, pois, assim, menos animais são sacrificados! Mas a propaganda enganosa? Pode?); do leite aguado ou misturado com soda cáustica para render...; do açúcar misturado com areia; do imóvel caríssimo em cujas janelas não cabem duas pessoas ao mesmo tempo para apreciar a paisagem ou a cobertura do prédio vizinho, cheia de urubus (estes, sim, conseguem apreciar tudo), nem da sala e dos outros cômodos minúsculos, nos quais, para entrar a cômoda, é necessário saia a comodidade; da coleta de lixo feita sem a devida regularidade, isto quando é feita!; da desumanização exploratória da construção civil em todas as áreas; da ponte custosa que cai após uns poucos anos de edificação (fora a gorjeta); é a estrada pavimentada com material de terceira; é a carne de quarta (!) para o consumidor brasileiro, mas de primeira para europeus, asiáticos e americanos; é o remedinho na farmácia cujo custo, para o **comerciante**, chega a ser duas mil vezes inferior ao preço de venda! Poderia continuar citando exemplos indefinidamente... Eis a propósito, enfim, as consequências da crença estúpida da existência de uma vida só, de que o homem apenas vive uma vez, o que “justifica” e leva a esta corrida louca da Besta Desembastada, mesmo entre os “crentes”, afasta malandramente o homem do contato com o mundo espiritual e gera tantos ateus e “piedosos” hipócritas. “Também não se arrependem dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem dos seus furtos.” Apocalipse 9:21. Veja a nota de rodapé seguinte.

5 “A balança enganosa é abominação para o Senhor, mas o peso justo é o seu prazer.” Provérbios 11:1

6 No caso do Brasil, caso gravíssimo, aliás, nem os bens do povo, riquezas criadas com suor e lágrimas por ele mesmo, buscam o caminho das necessidades do povo...

uma fraqueza, tudo ocorre para agravá-la, empurrando-a para a beira do precipício. Para vós, a necessidade do próprio semelhante é uma desvalia econômica, enquanto é valor a confiança que vos inspira uma sólida riqueza. Por isso, ela dificilmente executa a função que deveria ser para ela a primordial, ou seja, um meio de vida e de melhoria para *todos*. Por vezes, transforma-se até em meio de opressão, que absorve e destrói, em lugar de fecundar e soerguer a vida. Essa hipertrofia do egoísmo constitui o mal que onera vosso mundo econômico e o ameaça. É ilógica e prejudicial essa canalização da riqueza para a riqueza, em vez de sê-lo para a pobreza; essa atração levada a agigantar desigualdades que são a base dos desequilíbrios sociais e morais, essa tendência à concentração, enquanto a saúde [econômica] está na descentralização.

Em vosso mundo, não existe acordo entre capital e trabalho. Esses dois extremos do campo econômico deveriam estender-se as mãos como irmãos. Torna-se inútil a determinação de leis e sistemas, pois o capital está poluído em suas origens pela desonestidade, que o tornará infecundo; cada remédio e cada controle ficam na superfície, pois na alma não existe a consciência da função social dessa destilação do produto do trabalho, que é o capital, e se torna um meio de opressão. Para superar os conflitos que oneram a humanidade neste campo, é mister também superar *a inconsciência egoísta*, elevando-a até a *consciência colaboracionista*. Os dois polos, capital e trabalho — como todos os contrários — são complementares, feitos para completar-se, porque cada um deles, sozinho, não se sustenta; são feitos para unir-se e fecundar-se mutuamente, numa corrente de permutas contínuas, que devem ser, também, amplexos de espíritos. Somente na compreensão das duas forças, podem praticamente combinar-se os impulsos da balança econômica. O único fato substancial que justifica vossas lutas é que elas constituem um meio para chegar à compreensão, já que, também neste campo, como em qualquer outro, a evolução é irrefreável.

93. A DISTRIBUIÇÃO DA RIQUEZA

Diante destas minhas concepções, vereis que absurdo representam vossas utopias de nivelamentos econômicos. A distribuição dos bens na Terra não é, como acreditais, efeito das leis, instituições, sistemas, mas consequência de um fato primordial indestrutível: o tipo individual e a linha de seu destino. Os equilíbrios da vida são feitos de desigualdades que, em vista das naturezas diversas, correspondem à justiça [divinamente providencial], mesmo que as posições sejam diferentes. É absurdo um nivelamento de unidades substancialmente desiguais. Ainda que imposto à força, a natureza dos indivíduos o destruiria, em pouco tempo. Só existe um comunismo substancial: o que une todos os fenômenos, vincula todas as ações, vos irmana a todos e vos arrasta dentro da mesma lei, sem possibilidade de isolamento, na mesma correnteza. Comunidade substancial de deveres, de trabalho, de responsabilidades, apesar das inevitáveis diferenças de nível, que exprimem as diferenças de tipos e de valores. Liames férreos que vos encadeiam a todos, igualmente, ainda que por vontade vossa sejam de rivalidades e de ódio, em lugar de serem de bondade e de amor.

Os princípios da vida são mais sábios que vossos sistemas mecânicos de nivelamento social; conseguem o equilíbrio por meio da desigualdade, porque não tendem à equiparação num tipo único, mas à diferenciação, para depois reorganizar os que se especializaram em organismos coletivos. A diferença de posições sociais é simplesmente divisão de trabalho para capacidades diferentes. Esta é tanto mais acentuada — portanto, as posições são mais divergentes — quanto mais complexo e evoluído for o organismo social. Numa coletividade adiantada, cada indivíduo e cada classe permanece tranquilamente em seu lugar, sem coações, tal como as células e os órgãos num corpo animal. Essas irrequietudes são características das sociedades inferiores, em formação.

Não é lícito ignorar, na construção dos coletivismos humanos, que a natureza não constrói os homens por meio de máquina e que não se podem dividir as falanges humanas por tipos em série. Ao contrário, a natureza cria tipos complementares, reciprocamente necessários. As diferenças são

feitas para se compreenderem e para se compensarem, unindo-se, a fim de se completarem em seus pontos fracos e combinarem-se organicamente. Assim, por complementaridade e balanceamento de opostos, por via lógica e utilitária do menor esforço, a Lei guia irresistivelmente à fraternidade humana. O nivelamento poderá forjar um rebanho, jamais uma sociedade. O erro fundamental consiste em acreditar que todos os homens são iguais como valor e destino, em não se ter compreendido o mistério de sua personalidade e a finalidade da vida; permanecer no exterior, acreditando que só possa ter justiça na igualdade de superfície, ao passo que a vida alcança uma justiça mais complexa e profunda na desigualdade. O princípio da equiparação poderá ser um programa de enriquecimento, por meio da exploração executada pelas classes menos favorecidas e até mesmo, sabendo-se adaptar e moderar, um programa sadio de ascensão econômica. Mas, como princípio, é sempre um absurdo, pois não corresponde à realidade biológica. A igualdade, que não seja meramente exterior e forçada, é absurda num universo livre, em que não existem duas formas idênticas. Quando a evolução criou valores absolutamente diferentes e quando são diferentes os caminhos percorridos e os esforços executados, constitui justiça que as posições sociais expressem exatamente o valor e a natureza do ser.

Compreendi a essência da vida e vereis uma realidade mais profunda, onde tudo é sempre justo. Não confundais igualdade com justiça; não acrediteis que a vida queira atender a vossos nivelamentos exteriores, para realizar, na eternidade, seus justos equilíbrios. Tudo é justo, compensado, equilibrado há muito tempo. Considerais melhores as altas posições sociais; vosso espírito de igualdade é muitas vezes inveja que deseja apoderar-se do bem-estar alheio. Mas compreendi que o equilíbrio de uma posição econômica e social é, como na física, tanto mais estável quanto mais baixo estiver, quanto mais próximo estiver do nível mínimo da sociedade em que se situa. É contra os cumes que as tempestades investem. Não invejeis esses grandes perigos de quedas maiores. Quanto mais se elevam uma posição social, mais insegura e vulnerável ela se torna, é difícil defendê-la; tende a cair mais facilmente e exige a presença de um valor intrínseco que a sustente com esforço contínuo.

Observai como a Lei, na sua tendência de reconduzir para o centro as posições extremas, já possui o princípio do nivelamento econômico. Trata-se da **lei automática de nivelamento de todas as aristocracias**, fato evidente na história. Como sempre, mesmo no mundo econômico e social, no âmago, age uma lei que, além das aparências, dirige o equilíbrio dos fenômenos. Há sempre uma justiça substancial da qual não se escapa: individual, exata, inviolável, automática, alcançada não sobrepondo-se à natureza das coisas, grandes capas de legalidade, mas com um equilíbrio espontâneo da Lei. Para além da injustiça de forma, há sempre uma justiça de substância na distribuição de alegrias humanas e nenhuma lei poderá determiná-la, senão a lei do próprio destino.

Não invejeis os ricos, porque essa riqueza pode ser uma prova, uma condenação, uma condição de ruína. Observai como, por uma lei psicológica, tudo o que foi ganho sem esforço, por isso mesmo é destinado à dispersão; não é apreciado, não é defendido, como o é aquilo que custou esforço. A hereditariedade da riqueza é uma fábrica de ineptos. É, na verdade, um processo de autoeliminação. Tudo o que é herdado, mesmo se protegido pelas leis, tende **automaticamente à dissolução**, decadência da riqueza que nenhuma barreira social ou legal jamais pôde impedir. Só as leis da vida estão sempre ativas e são constantes, embora trabalhando subterraneamente e em silêncio. Por isso, quebram qualquer defesa social que seja peso morto, superposição inerte, não movido por impulso íntimo que faz viver e agir, em todos os instantes, para fins determinados. Enquanto isso, em derredor debruçam-se outros esfaimados, muito mais bem treinados para o trabalho, sem as ilusões sobre a adulação que a riqueza atrai, não paralisados pela educação mais refinada, que o desejo jamais saciado tornou astutos e ativos, impulsionados com todas as forças, pela necessidade, à conquista e, portanto, destinados a vencer na luta desigual.

Por isso, substituo o vosso **conceito de propriedade**, meramente jurídico e de superfície, pelo conceito mais profundo de **propriedade substancial**. Esta é a única que se fundamenta como direito no próprio destino. Se vos colocais na realidade dos fenômenos, que é sempre um devenir, vereis que não é possível possuir as coisas em sentido estático, mas apenas na trajetória de seu transformismo. Elas, como vós mesmos, constituem um devenir e esse contato duradouro, que se

denomina posse, só é possível pela ação de uma *força constante* que mantenha vinculados os dois transformismos. Nesse oceano de dinamismos, a propriedade é, no máximo, um usufruto, que a morte ou qualquer reviravolta pode sempre quebrar. Por isso, não é possível propriedade nem posse em sentido jurídico, mediante construção de defesas e barreiras legais, mas só se pode possuir a causa desse mecanismo de efeitos, isto é, o poder do domínio sobre as coisas. Este não é dado pelos reconhecimentos jurídicos exteriores, mas *pela aquisição de qualidades, de merecimentos, de direitos inerentes à própria personalidade*. Além de vossas formas sociais, o que as justifica e sobretudo as mantém vivas *é a ação constante desse impulso dado por uma capacidade intrínseca, preparada e fixada no destino, única base do direito*. Com efeito, no justo equilíbrio da Lei, logo que cessa o impulso dessa causa, cessa o direito, rui o edifício dos efeitos e, apesar de todas as defesas, pulveriza-se a construção jurídica. Essa propriedade substancial é a única que corresponde a uma característica da personalidade e está escrita no destino, como impulso enxertado no equilíbrio de suas forças. Só ela poderá resistir e manter-se, enquanto esse impulso resiste e se mantém.

O princípio hedonista vos enclausura num estado de miopia psíquica, que vos faz acreditar em absurdos e na possibilidade de conseguir riquezas por atalhos que excluem o esforço do trabalho. Ora, olhando de frente as mais profundas leis do mundo econômico, encontrareis um princípio de equilíbrio que impõe uma *relação férrea entre esforço e prazer*. Assim, apesar de todas as tentativas de fraudar a lei, a verdadeira alegria só é prêmio do trabalho honesto.⁷ A riqueza traz consigo, como uma *natureza própria*, uma *marca indelével* das características com que foi gerada e querida. Estas a acompanharão sempre como um impulso, uma trajetória, uma direção exata, que a sustentará e guiará em todo os passos como um ser vivo. Também ela é um feixe de impulsos causais que contêm seus efeitos inexoráveis, os quais, cedo ou tarde, se manifestarão em atos. Se a riqueza nasceu errada, traz sofrimentos; se nasceu bem, traz o bem.

Acreditais que a riqueza seja uma qualidade homogênea, igual em toda parte. Mister completar esse conceito econômico com outros fatores que sempre estão nele incluídos. Ela é uma força em movimento, que se manifestará na forma em que tenha sido definida no momento de sua gênese. Há diferença entre riqueza e riqueza. O lucro errado não trará vantagens, mas prejuízos. Há dinheiro que não pode dar prazer. Possuí-lo não é lucro, mas perda; não é riqueza, mas pobreza; foi substancialmente impregnado de qualidades negativas e é uma força de destruição. Seu vício de

⁷ A linguagem do autor espiritual, no caso Jesus Cristo, deve parecer estranha ao leitor. É natural. Entenderam-no, **plenamente**, após transcorridos estes dois mil anos? Aliás, admito que, para entender perfeitamente tudo o que está escrito em **A Grande Síntese**, é necessário haver compulsado, além de todas as obras de Pietro Ubaldi em conjunto, muitas outras, entre as quais as obras básicas do espiritismo e as obras importantes de outras correntes espiritualistas, bem como possuir o leitor um certo nível de cultura, conhecimentos gerais e maturidade espiritual para entender esses assuntos. Portanto, “Verdadeira alegria...?”, estranhe e talvez se pergunte um desses felizardos e endinheirados leitores. “Mas eu sou muito feliz, apesar do que faço!”, quicá exulte ele, ingenuamente, e isto no caso dos que têm consciência do mal que praticam ou da exploração malandra que impingem às massas, o que os torna mais culpados, obviamente. É que ele não se lembra da última vez que passou pelo “Inferno”, cujas penas não lhe foram muito rudes, em razão da “pouca” culpa, do acúmulo ainda relativamente pequeno dos miasmas cármicos empastando-lhe a atmosfera da alma, e por submetido que fora a providencial esquecimento antes de reencarnar, pois, do contrário, não conseguiria viver em paz com a própria consciência culpada se a tivesse cristalinamente cônica dos males milenarmente praticados, tanto que durante o desencarne, quando então fica mais ou menos lúcida a consciência, pois que livre do embotamento do corpo biológico, e sob o efeito de maior ou menor estado de saúde de suas funções, ela é seu único e implacável juiz, é a centelha anímica, feita a **imagem e semelhança da consciência de Deus**, que lhe atormenta as trevas interiores e o leva a intentar corrigir-se, ainda em que longo curso de redenção de si mesmo – a morte não existe; tempo, portanto, é o que não lhe faltará... Em todo caso, consciente ou não do mal que pratica, ou ainda que, por falta de escrúpulos e maturidade moral, não veja nenhum malefício naquilo que faça, se realmente causar males a quem quer que seja ou à humanidade, certamente voltará para o “Inferno” após o desencarne, embora para um abismo ainda mais fundo, num buraco que se pode afigurar como a imagem de um remédio bem mais amargo do que o anterior, como consequência das lições mal aprendidas da alma enferma e por sua reincidência no erro. A partir daí, sim, talvez entenda o sentido da expressão “verdadeira alegria”. Se não for o caso, obviamente voltará, após a morte, quantas vezes necessárias, para outro buraco no “Inferno”, ainda mais abismal e tenebroso, até que apreenda o vero sentido da expressão – já que recapitulações, cada vez mais dolorosas, aguçam o discernimento e o bom senso e refinam o instinto de preservação – e passe, em novas oportunidades reencarnatórias, a buscar a legítima ventura de viver. Sem querer alongar-me muito, não existem, por exemplo, pessoas que consideram normal explorar, e nenhum mal veem nisto, o turismo sexual e até enviar gueixas para o Sul Maravilha, bem como aquelas que acham “moderno” expor suas filhinhas de 5, 6 anos de idade, em trajes mínimos e “sensuais”, nas festas do Momo Bobalhão e mesmo aquelas que permitem que se iniciem, já então, nos coleios lúbricos do baile pancadão? São mães que chegam a ficar orgulhosas de seus “talentosos” marrequinhos. Pobres mães: seus espíritos são mais póbis do que os casebres que as abrigam da pobeza lá fora... Como ganhar na loteria é difícil, o jeito é apostar no “dons” da prole... Mas é tudo muito liberal, “natural”, “espontâneo”, diferente do que ocorre na Coréia do Norte, onde os pimpolhos talvez sejam forçados a serem prodígios... Abaixo a ditadura! Viva a democracia!... 🎵Os liberais são bons Kamaradas... 🎵Os liberais são bons Kamaradas!... 🎵Os liberais são bons Kamaradas... 🎵Ninguém pode negar... 🎵Ninguém pode negar... 🎵Amigo, você tem mesmo olhos de ver?! Então, ligue a 🎵televisão.

origem não se apaga e o levará à ruína, até que ele mesmo desapareça por esgotamento da causa. Pois o mal é negação. Antes de tudo, nega a si mesmo até sua total autodemolição. Há um dinheiro maldito, que só traz maldição a quem o possui: o dinheiro com que Judas pagou o campo de sangue.

Estes meus pontos de vista interiores aclaram diferentemente todo o fenômeno econômico. Mostrando-vos realidades mais profundas e que relegam ao absurdo vossos conceitos mais comuns neste campo, que aceitais por ignorardes as leis substanciais da vida. Assim, em vossa época, tendes a ingenuidade de crer supérfluo atentar tanto para as sutilezas do modo de acumular riqueza. Credes que qualquer meio vale. Dessa maneira, levianamente, semeiam-se germes de destruição bem no centro dos próprios capitais. Falo nos termos de uma moral científica, exata, utilitária e, portanto, necessária também ao ladrão. Este é tão ingênuo e pensa que o furto possa trazer utilidade. Ora, é pueril o esforço de fraudar a pobre lei humana, desde que não é possível alterar a íntima lei dos fenômenos que, misteriosa e poderosamente, vigia e ressurge inata neles a qualquer momento. Pelos atalhos da usurpação, só se chega ao resultado da reação. **Alegrem-se os sedentos de justiça, que sofrem diante das injustiças humanas: há um equilíbrio profundo de que o mal tentará inutilmente escapar, embora triunfe momentaneamente. Mas tremei vós, a quem a injustiça de um instante deu razão, porque chorareis um dia, esmagados pelas consequências de vossas ações, que nenhum tempo poderá destruir e vos acompanharão por toda parte. Mesmo se não o sentis, o imponderável vos alcançará para golpear-vos. O dinheiro mal ganho é um prego envenenado que se cravará em vossas mãos. Nada rende tanto quanto a exploração do sangue humano, o mundo está cheio do dinheiro de Judas, gordo de traições, verdadeiro esterco do diabo, que vos sufocará, *fazendo a Terra afundar sob vossos pés*. É contra esse dinheiro que se levanta a maldição de Deus, não contra o dinheiro que é justa recompensa do trabalho.**⁸



Vem aí... *A Grande Síntese*. Isto se o próximo tsunami não nos levar pra Pasárgada, a Grande. Tem culpa ela. Viram? Algumas horas após a publicação deste “livro”, ocorreu um forte terremoto na Indonésia...
Coincidência..

⁸ Desnecessário explicar ao leitor inteligente que se trata aqui de trabalho na verdadeira acepção da palavra, **aquele pois que gera benefícios de fato para as massas como um todo**. Porquanto as gueixas, os políticos (corruptos e corruptores), os falsos profetas, os autistas, os ixpertos, os exploradores de toda espécie, os fantasmas, os especuladores e tantos outros que me poupo de citar trabalham? Ora, conheço um povo asiático muito trabalhador, enobrecido, industrioso em todos os sentidos, mas que, na sua inconsciência e ignorância das leis maiores da vida, acabou de ver **um exemplo** consequente da escravização da vida marinha... Se eles, que são honestos, íntegros, ordeiros, trabalhadores, dinâmicos, foram varridos do mapa, imagine o Carnaval... É uma questão de tempo. Eles são um povo muito amadurecido sob certos aspectos. Portanto, a Natureza, a Vida, cobra maior responsabilidade, consciência, sensibilidade da parte deles. Como ainda não conseguiram entender isso, a Natureza lhes envia a mensagem da catástrofe para recapitular a lição. Já no nosso caso, é tudo uma questão de paciência da parte de Deus, visto que não somos tão maduros assim, como povo; é um tempo que Ele nos dá para aprendermos com o exemplo alheio... Não se pode ser tão rigoroso com as crianças, mas que estas terão de amadurecer, ah, terão...